



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FUTEBOL, JOVENS ATLETAS E EDUCAÇÃO: UMA IMERSÃO NOS CLUBES DE RECIFE

Francisco Xavier dos Santos¹

INTRODUÇÃO

Com este texto, pretendemos apresentar uma discussão em torno dos dados encontrados em nossa dissertação de mestrado, a qual é mediada pela Lei Gilmar Machado² e que ao final revela uma realidade local quanto à relação formação educacional e profissional dos jovens atletas de futebol. Num sentido mais específico, o que aqui expomos, resulta de uma investigação que teve como eixo central, a questão de pesquisa por nós levantada que era saber qual o valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional em Recife?

A realidade do possível

Nesta parte da pesquisa dispomos de forma esquematizada de alguns dados e características dos informantes que nos auxiliaram em ambos os clubes e que consideramos essenciais para retratar o que propomos neste trabalho. As informações contidas nas tabelas abaixo em conjunto, com a parte da categorização, sintetizam a análise desta dissertação.

Foram realizadas neste estudo entrevistas semi-estruturadas com 06 jogadores juvenis (03 em cada clube); os 02 técnicos da respectiva categoria dos clubes investigados; também os 02 supervisores de futebol da categoria alvo, sendo um de cada clube; ainda 02 pais de jogadores (um no Náutico e outro no Sport); e 01 diretor da categoria juvenil do Clube Náutico Capibaribe e com relação à direção do Sport, não

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPE e Membro Pesquisador do Núcleo de Sociologia da UFPE (NESF)

E-mail: frantchescko@yahoo.com.br

² Trata-se de uma lei federal de 2003, de autoria do deputado federal por Minas Gerais, Gilmar Machado e revela entre outras questões, a obrigação dos clubes de futebol profissionais a incentivarem e cooperarem com a formação educacional dos atletas formados em suas fileiras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

conseguimos contato. Todos estes atores, de algum modo possuíam alguma ligação com o universo por nós estudado e servindo como informantes ao longo da pesquisa (ver quadro 1).

Além das entrevistas também lançamos mão de observação e anotações de campo: do grupo investigado em termos amplo (dirigente, supervisor, profissionais, pais, etc.,) e do próprio ambiente em que a pesquisa se realizou.

QUADRO1 – PANORAMA DE ENTREVISTAS

UNIVERSO DA PESQUISA	QUANTIDADES DE ENTREVISTAS	MÉDIA DE PERGUNTAS FORMULADAS
Jogador juvenil	06	10
Técnico de futebol	02	10
Supervisor de clube	02	10
Pais de jogador	02	10
Diretor de futebol	01	10
TOTAL:	13	50

Os dados desta dissertação resultaram dos inúmeros discursos (formais e informais) presentes tanto nas entrevistas como nas observações. Juntas elas caracterizam a percepção dos sujeitos envolvidos no processo investigativo, além de revelar a visão que possuem com relação à temática acerca do valor da educação no processo de formação dos jovens jogadores para o futebol profissional em Recife. Ambos os procedimentos nos proporcionaram enquanto pesquisador, uma compreensão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

do fenômeno sob o olhar clubístico e não-clubístico, e assim a oportunidade de analisar a questão por nós levantada com base nos dados fornecidos pelas duas esferas.

Para fins de tratamento dos dados obtidos, optamos pela categorização e discussão destes. Conforme Gil (2006, p.134), “a categorização consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles”. Neste sentido buscamos analisar não só aquilo que explicitamente se encontrava no material coletado. Mas ainda, buscou-se desvelar os conteúdos encontrados nas entrelinhas do processo, com o rigor que é peculiar a ciência, apontando e analisando “dimensões contraditórias e mesmo aspectos silenciados”.

Todo resultado de pesquisa inclui fontes de informações em nosso caso, as tabelas por nós organizadas com base nas entrevistas, tornaram-se fontes de grande valor para categorização e interpretação. Vale mais uma vez mencionar, que como pesquisador tivemos o cuidado em preservar a identidade daqueles envolvidos, codificando suas falas (entrevistado 1, 2, 3, etc.); pois o objetivo desta análise foi conhecer a posição dos atores sociais (a visão clubística e a não-clubística) com relação aos questionamentos realizados, tendo em vista o objeto do estudo.

No quadro nº 2, abaixo, os dados dão conta do discurso do clube com relação ao lugar destinado à educação no âmbito da formação para o futebol; da participação que disseram ter as instituições clubes de futebol na vida educacional dos garotos; da posição externada pelos jogadores e pais sobre esta participação; da relação observada entre os ambientes formadores e educação; e outros mais.

QUADRO 2 - A CAPACITAÇÃO EDUCACIONAL NO DISCURSO CLUBÍSTICO E NÃO-CLUBÍSTICO

ENTREVISTADOS	OS CLUBES	OS JOGADORES	QUAL O
	INCENTIVAM A	ESTUDAM POR	CONHECIMENTO
QUESTÕES	ESTUDAR	EXIGÊNCIA E	SOBRE LEGISLAÇÃO
		INICIATIVA DOS	
		CLUBES	



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

VISÃO CLUBÍSTICA			
DIRETORES E SUPERVISORES	SIM (100%)	SIM (100%)	DESCONHECEM
	SIM (50%) NÃO (50%)	SIM (50%) NÃO (50%)	DESCONHECEM
TÉCNICOS			
VISÃO NÃO-CLUBÍSTICA			
JOGADORES	NÃO (100%)	NÃO (100%)	DESCONHECEM
	NÃO (100%)	NÃO (100%)	DESCONHECEM
PAIS			

Quando inquiridos sobre o *tempo que se encontram vinculados aos clubes*, dos quatro profissionais ligados a categoria juvenil nos dois clubes de futebol profissional de Recife, um disse está no clube há vinte e sete anos, um falou que trabalha já há aproximadamente dez anos nesta instituição, um declarou que é funcionário do clube há dois anos e meio e um respondeu pertencer ao quadro há um ano e cinco meses.

QUADRO 3 - PROFISSIONAIS FORMADORES DOS DOIS CLUBES DE FUTEBOL DE RECIFE

ENTREVISTADOS	TEMPO QUE TRABALHA NO CLUBE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	IDADE
FORMADOR 1	27 ANOS	SUPERIOR	44 anos
FORMADOR 2	10ANOS	ENSINO MÉDIO COMPLETO	50 anos
FORMADOR 3	2 ANOS E MEIO	SUPERIOR	46 anos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FORMADOR 4	1 ANO E CINCO MESES	SUPERIOR	34 anos
-------------------	------------------------	----------	---------

Para esta categorização não entrou diretor e pais, pelo seguinte motivo: o primeiro é cargo rotativo no clube e muda conforme queira a presidência do mesmo (pode-se questionar o fator do treinador também ser rotativo em “nossa cultura”, porém são eles os formadores diretos). O segundo não se enquadra diretamente nesta condição e, portanto não é significativo para este aspecto.

A análise do fator tempo serve para elucidar o conhecimento do ambiente do clube; da filosofia desenvolvida por este no que remete a perspectiva do para quê formar; além de mostrar a visão dos dois lados envolvidos com o universo do futebol (visão clubística e não-clubística) sobre a importância dada pelos clubes à capacitação educacional dos seus atletas. A questão do tempo em nossa ótica serve para dar maior credibilidade às questões investigadas na medida em que se supõe que com o passar dos dias em determinado ambiente temos mais subsídios para se posicionar sobre aspectos ligados ao mesmo.

Com relação aos atletas (quadros 4 e 5), dos seis entrevistados em ambas as agremiações, dois responderam jogar no clube há dois anos, um há um ano e seis meses e os outros dois disseram está há dois meses no clube.

QUADRO 4 - OS JOGADORES DO CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE – CNC.

ENTREVISTADOS	TEMPO NO CLUBE	ESTUDA	ESCOLARIDADE	IDADE
JOGADOR 1	2 anos	Sim	2º ano do ens. Médio	17 anos
JOGADOR 2	1 ano e 6 meses	Sim	Supletivo (1º e 2º ano ens. Médio)	17 anos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

JOGADOR 3	6 meses	Sim	3º ano ens. Médio	17 anos
-----------	---------	-----	-------------------	---------

QUADRO 5 - OS JOGADORES DO SPORT CLUB DO RECIFE.

ENTREVISTADOS	TEMPO NO CLUBE	ESTUDA	ESCOLARIDADE	IDADE
JOGADOR 4	2 anos	Não	8ª Série do ens. Fundamental	17 anos
JOGADOR 5	2 meses	Sim	3º ano do ens. Médio	15 anos
JOGADOR 6	2 meses	Não	2º ano ens. Médio	17 anos

Convêm destacar inicialmente determinados aspectos que consideramos pertinentes em nossa análise: primeiro que a maioria dos entrevistados estudou ou estuda. Dos dez respondentes, temos quatro formadores (técnicos e supervisores), onde três possuem nível superior e um o ensino médio. Nos seis formandos (atletas), quatro cursavam o ensino médio dentre os quais um fazia o supletivo, e dois não se encontravam estudando.

Pelos dados revelados de um modo geral, poderíamos inferir não só uma situação até certo ponto otimista, bem como desconstruir uma imagem de que o jogador de futebol é alguém que não estuda. (Um exemplo desta imagem é encontrada em Damo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(2005)). No caso específico de nossos entrevistados, o que se verificou foi que tanto os ex-jogadores (os agora formadores) como os atletas apresentam uma configuração que aponta para outra direção.

Há, no entanto, de se considerar ainda outros aspectos que Gil (2006) denomina questões não explícitas os quais procuramos desvelar, afim de que houvesse uma ampla compreensão do contexto formador e da relação com a educação e assim, a análise não ocorresse sob os riscos dos reducionismos.

O primeiro destes e que precisa ser lembrado é que, no caso dos jogadores entrevistados, todos eles foram indicados pelo clube e, portanto, não tivemos nenhuma ingerência sobre a escolha. Em segundo aspecto remete ao fato de na oportunidade todos os garotos entrevistados estavam disputando a competição oficial, inclusive os que não estavam estudando, o quê neste particular nos deixou intrigado, pois consta de haver exigência da Federação para jogar a competição, dos atletas estarem estudando. Daí uma hipótese nossa é: o que a Federação exige de fato é a “matrícula”; estar estudando é outra coisa (como já dissemos, não consultamos a Federação, esta é uma dedução pessoal, simplesmente pelos dois garotos que entrevistamos não estarem estudando e um inclusive era titular de sua equipe e outros que não foram os recomendados para entrevistas, mas com quem conversamos ao longo da pesquisa e que também não estudavam no momento).

O que supomos, e de fato é uma suposição, é dos clubes terem um “esquema” com alguma escola, ou gente ligada a ela, para efetuar a matricula dos meninos e que a exigência da Federação fica na teoria, mas não há uma fiscalização séria. Por fim, é preciso lembrar que a nossa preocupação não foi diretamente se os atletas estudam ou deixam de estudar e sim saber qual a importância dada à vida escolar dos jovens jogadores paralelo a formação para o futebol e daí investigar a participação/cooperação dos clubes de futebol profissional de Recife neste processo; algo que explicitamos melhor adiante.

Vale dizer que as séries apresentadas na tabela como ginásial e primário, referem-se à classificação do antigo sistema de ensino no Brasil, e que hoje corresponde ao ensino médio e ensino fundamental.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Buscamos também *caracterizar o perfil dos garotos envolvidos com os clubes de futebol profissional de Recife* (quadro 6). Isto serviu tão somente para confirmar aquilo dito por Souza (2001), de que cada vez mais cedo tais “meninos” enveredam pelo mundo da bola, em busca de “vencer na vida” e com um objetivo quase exclusivo: o de profissionalizarem-se. Para isto, um número considerável de jovens acaba perdendo de vista as demais dimensões que compõe o viver humano entre as quais a educação.

QUADRO 6 – PERFIL SOCIAL DOS ATLETAS

ENTREVISTADOS	IDADE QUE INICIARAM NO FUTEBOL	POSSUAM ALGUM CURSO	NÍVEL ESCOLAR DO PAI/MÃE	PROFISSÃO DO PAI/MÃE
JOGADOR 1	9 ANOS	NÃO	GINASIAL/4ª SÉRIE PRIMÁRIO	MOTORISTA/DO LAR
JOGADOR 2	10 ANOS	NÃO	ENSINO MÉDIO (AMBOS)	VENDEDOR/FUNCIONÁRIA PÚBLICA
JOGADOR 3	NÃO LEMBRA	NÃO	5ª SÉRIE GINASIAL/ANALFABETA	COMERCIANTE/DO LAR
JOGADOR 4	11 ANOS	MÚSICA (BÁSICO)	ENSINO MÉDIO (AMBOS)	COMERCIANTES
JOGADOR 5	14 ANOS	NÃO	SUPERIOR (AMBOS)	FUNCIONÁRIO PÚBLICO/PROFESSORA
JOGADOR 6	10 ANOS	NÃO	ENSINO MÉDIO/SUPERIOR	ARTESÃO/TABELIÃ

A ausência deste instrumento essencial aos homens, como aponta Freitag (2001), acrescenta-lhes certa incapacidade emocional e intelectual para enxergar a complexa realidade e exigências presente no mundo contemporâneo. Em certos aspectos novamente recorremos a Sacristán (apud IMBERNÓN, 2000, p.51) para refletir com



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

profunda seriedade do quanto: “(...) a escola deve assomar-se à vida, à sociedade, ao que a rodeia, não para substituir com os “materiais” que o meio proporciona sua própria missão, mas sim para projetá-la sobre todos esses materiais”.

Mas será que os meninos da bola, a julgar pela formação que possuem, teriam em e por si mesmos estrutura para dar conta da necessidade e da falta que a educação no futuro lhes farão? Aliás, a educação escolar é algo que necessitamos sempre. Não seria então o momento oportuno do clube contribuir como uma espécie de “tutor” daqueles a quem de certa forma lhes é entregues em uma fase decisiva da vida?

Embora concordemos com Damo (2005) de que não se deve por sobre os ombros dos clubes brasileiros todo o peso; o problema é que até o presente momento, no caso do futebol brasileiro, nenhuma responsabilidade deste tipo é atribuída a estas instituições formadoras de jogadores de futebol e com quem os garotos possuem algum tipo de vínculo. A única parte que lhe compete no momento (pelo menos para a maioria) é os lucros com a negociação dos jovens atletas (que lhes custam quase nada). E, diga-se de passagem, rende lucros consideráveis.

Não seria, portanto a ocasião dos clubes brasileiros adotarem uma ação similar ao que é feito na França. Lá, a formação vai além dos gramados demonstrando uma preocupação social, pois se os garotos não derem certo como jogador tem a possibilidade de dar continuidade a sua vida, visto que ações sociais integradas (a formação clubística e a formação escolar) foram empreendidas neste sentido.

A formação futebolística que visa à profissionalização precisa ser entendida, revelada e encarada como algo adstrito a um contexto limitado, sem muita perspectiva fora deste eixo. Indaguemos, pois em qual lugar no mundo contemporâneo se requisitam comumente tais instrumentos além das quatro linhas do gramado? Quando muito, alguns se tornarão instrutores/técnicos, mas, isto é coisa que no futebol moderno e mercantilizado tem cada vez menos espaço. No mundo globalizado a formação especializada tem se tornado prerrogativa.

Questionamos também em nossa análise, se na ausência dos pais e mesmo com eles próximos, até que ponto esses garotos encontrados nos dois clubes de Recife, teriam eles condições reais de decidir ou não, por todas as fichas no futebol. E, assim



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

acontece com a maioria deles, como revelou o ex-jogador Raí em sua entrevista ao Jornal Hoje da TV Globo em 09 de fevereiro de 2009. Meninos destituídos de uma estrutura social e que chegam aos clubes, movidos pela condição sócio-econômica espelhada pela maioria deles e que confirmamos especificamente com a pesquisa em Recife.

Com respeito à idade atual dos juvenis levantados, ela varia entre quinze e dezessete anos, sendo que a maioria chega aos clubes, nesta categoria, aos quinze anos. Uma cultura do futebol moderno, que tem procurado investir em garotos o quanto antes (a maioria dos atletas entrevistados disseram ter iniciado com a mesma idade ou próxima da destacada por Souza (2001)). Segundo Rodrigues (2004), quanto mais novos chegam aos clubes, facilita “moldarem-se” às demandas do novo modelo futebolístico (o do futebol de espetáculo). Dos seis garotos que entrevistamos somente um, o de quinze anos, falou ter começado a jogar recentemente (há um ano), outro sequer lembra: “Há faz muito tempo, muito novo...”.

Como diz Damo (2005), os garotos brasileiros são desterritorializados ainda muito cedo; são “verdadeiros meninos” e deveriam ter seus direitos constitucionais de cidadania respeitados e assegurados. E entre outros tantos Sifuentes (2009), afirma ser um dos principais: o direito fundamental a educação.

Quando da investigação sócio-econômica destes atletas num dos clubes, ratificamos algo difundido no meio futebolístico, de que a maior parte dos garotos que buscam uma oportunidade para se tornar jogadores profissionais, são provenientes do meio social menos favorecido de nossa população.

Os dados dessa averiguação foram obtidos através de um integrante da comissão técnica. O qual, após consultar uma ficha cadastral dos garotos nos forneceu duas informações básicas. A primeira mostrava que dos 29 garotos existentes naquele grupo, 3 pertenciam a classe sócio-econômica alta, 6 eram de classe sócio-econômica média e o restante do grupo da classe sócio-econômica baixa. Logo, 20 dos garotos da equipe juvenil eram oriundos do meio social desfavorecido de nossa população e provavelmente, estes meninos como outros de mesma condição, vêm no futebol uma saída para sua situação de adversidade que atravessam.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A segunda: o clube classificava os garotos por uma base salarial própria, justificada, segundo ele, pelo perfil registrado dos garotos que procuram este clube. Deste modo, os de *classe baixa* eram considerados “aqueles cujas famílias recebiam até três salários mínimos”; os de *classe média* “os que tinham renda de quatro a oito salários mínimos”; os de *classe alta* “os que as famílias possuíam renda a partir de nove salários mínimos”.

O perfil específico dos garotos deste clube pode ser um indicador para explicar um dos motivos porque entre a maioria dos jovens futebolistas locais, o saber letrado é acompanhado de um discurso frágil como o do entrevistado 8: “Já parei para pensar que se parar de jogar é muito difícil sem estudo, (para por um tempo pensativo e continua), às vezes agente perde a noção do tempo, só sei que dia é hoje, por que você me falou. Sem estudo é difícil. O clube levou meu histórico para Federação e todo dia eu peço e eles não traz”. Esta fala pertence a um atleta que não estava estudando e se encontrava no clube há dois anos e meio. Falta a este garoto e outros mais vinculados ao futebol, aquilo que Bourdieu (1989) diz fazer diferença no mundo contemporâneo: o capital cultural.

Para reforçar a tese do autor acima, recorreremos à entrevista anteriormente mencionada concedida pelo ex-jogador de futebol profissional Raí, ao “Jornal Hoje” (Rede Globo de Televisão), em 09/02/09. Na ocasião a repórter lhe indagou assim: “Qual seria sua mensagem aos pais de crianças e jovens que preferem incentivar os filhos a jogar futebol e não ao estudo?” Ao que respondeu:

Hoje em dia, em qualquer profissão, o jovem que tem uma formação melhor é valorizado. No futebol não é diferente. Eu e meu irmão, o Sócrates, tivemos a oportunidade de ter uma boa formação. Isso valoriza o atleta. Em segundo lugar, são muito poucos os garotos que chegam a ser profissionais. Eu passei um tempo no São Paulo e sei que durante um ano milhares fazem testes, mas só três ou quatro conseguem passar. O caminho é longo! Se o jovem aposta tudo no futebol, está condenando não só sua carreira, mas toda a sua vida. A família tem que pensar no futuro por todos os lados, até porque, há outros riscos. Tive amigos que com 17 ou 18 anos se contundiram e não conseguiram continuar a carreira. (Destaque nosso)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Aqueles vinte atletas apontados acima pertenciam um extrato social comumente desprovido e destituído de uma série de bens culturais importantes e é provável que o fator educação, seja visto por estes jovens como um elemento estranho. Um fato que se justifica em virtude de não enxergarem a escola um prolongamento natural de suas vidas cotidianas. Esta, ao contrário, em muitos casos intencionalmente descaracterizada pelas classes elitizadas, impedindo tais indivíduos de enxergarem a educação como uma via de ascensão.

Analisando em conjunto os fatores, idade com que iniciaram e iniciam esses meninos no futebol e a estrutura social da qual se originam, nos indagamos: diante do número excessivo de jogadores que saem de casa todo dia em nosso país em busca do sonho de ser um profissional dos gramados; o que do ponto de vista social podemos esperar no futuro? Precisamos urgentemente nos perguntar sobre o que serão e farão os garotos ao não atingirem o objetivo e pior: sem formação para prosseguir em mundo no qual como nos disse Brandão (2005) para viver e saber conviver necessitamos da educação. A não ser que, toquemos a empreitada de muitos, de construirmos nossas próprias “bolhas” com falsa ilusão de estarmos nelas há salvos.

Talvez, não seja necessário esperar tanto para termos uma projeção do caos social. Pois na atualidade, os horizontes tem se mostrado deveras estreitos para quem não possui os instrumentos que somente a educação pode oferecer, conforme nos diz Sifuentes (2009).

Quando nos reportamos à questão *do vínculo escolar dos atletas clube a clube*, este é um aspecto de nossa pesquisa que carece de melhor explicação por dois motivos simples. O primeiro é que tal aspecto visto de modo “in passant”, mostraria uma situação com relação à vida educacional dos atletas, bem mais acomodada no Clube Náutico Capibaribe; Pois, os três atletas entrevistados neste clube, encontravam-se estudando e no caso do Sport Club do Recife, dos três entrevistados apenas um estudava no momento.

Valemo-nos nesta, principalmente das informações obtidas através das conversas informais e que revelam o discurso implícito. Estas nos permitiram tecer uma realidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

social muito mais complexa da vida clubística, do próprio ambiente formador e da vida educacional dos garotos.

Fato encontrado com a pesquisa foi que tanto no Náutico como no Sport, os atletas juvenis afirmaram ser deles a iniciativa de estarem estudando. Muitos disseram que o clube até cobrava deles estudarem, mais logo deixaram escapar ser uma cobrança superficial e sem compromisso. De fato o que o clube cobra é a matrícula daí por diante, com relação a estudar, é como fala o entrevistado 3: “(...) foi coisa minha mesmo”.

Ou conforme o entrevistado 1: “O clube não demonstra preocupação com o estudo da gente não. Não há nenhuma pegada, nenhuma preocupação, (...). O clube cobra muito é com relação aos treinos, cobrança de horário e a cobrança é tão grande que às vezes a gente relaxa no estudo. Por exemplo, este ano de 2009 eu dei uma relaxada, pois às vezes chego tão cansado que não vou à escola. A cobrança da diretoria é só resultado e empenho”.

O que vimos nestas instituições reflete a visão dos dirigentes de futebol no Brasil, aliás, a visão de educacional de um país. Educação que nunca foi levada a sério por quem de fato. Para constatar basta consultar manuais como Romanelli (1984), ou quem sabe comparar o salário de nossos “mestres”, ou as propagandas enganosas dos índices educacionais que os governos estaduais se orgulham de apresentar, “um país das maravilhas”. Tudo isso externa um modelo que reflete em última instância as relações sociopolíticas de que nos fala Caldas (1994), onde se perpetuam o descaso e o faz de conta. Principalmente para com aqueles mais necessitados de suporte emocional, econômico e educacional, estendendo-se para o futebol as mazelas sociais de uma sociedade assentada na ideologia de dominação dos mais esclarecidos sobre os que vivem “nas cavernas” da ignorância produzida e reproduzida.

Percebemos entre os dois clubes que nenhum nem outro se sobrepõem com relação à vida educacional dos atletas. Ambos portam o discurso da preocupação sem, contudo, desenvolverem ações concretas na prática que nos permitisse apontar dentro do modelo formador destes clubes de Recife, uma peculiaridade ou diferença no trato com os garotos, projetando neles futuros cidadãos. Destarte, se levarmos em conta o que diz



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Damo (2005) a respeito da quantidade de meninos que não viram jogador e investem tudo nesse campo, dá para pensar no clube de futebol neste modelo formador, enquanto instituição há mais, a desserviço da nação.

No cotidiano, há ênfase acentuada e exclusiva (há algumas exceções) em preparar o talento para atingir o melhor de sua *performance* atlética. Isto sim parece definir o alvo da formação nos dois clubes de Recife. Não achamos ser meta de o futebol cuidar de educação, isso é dever do Estado conforme declara a Constituição. Também entendemos que formar para profissão é o motivo de ser dos clubes. Apenas vemos no foro clubístico uma oportunidade de cooperar com a educação de “seus garotos”, sem dizer que se constitui uma responsabilidade social (expressa na Lei Gilmar Machado no Art. 29) com o futuro das gerações que não só acorrem a eles, mas investem parte importante de suas vidas ali. Desta responsabilidade também dá conta o que está escrito no Art. 205 da Constituição Federal do Brasil.

Sendo assim, neste trabalho, a discussão se voltou para saber se, *os clubes de futebol profissional de Recife incentivam (valorizam) à capacitação educacional dos atletas juvenis que com eles tem um compromisso firmado*. Verificou-se de um lado a visão clubística (diretor, supervisor e técnico), e de outro a posição não-clubística (atletas e pais).

No primeiro caso, constatou-se uma não unidade dos discursos. Enquanto uns afirmaram que o clube promovia e incentiva, paralelo a formação profissional dos atletas, desenvolverem o lado educacional; outros deixaram transparecer ser esta uma área na qual o clube deixa a desejar. Uma parte, aliás, de extrema importância para o futuro dos atletas, pois garante a proteção destes “meninos”. Um meio conforme Sifuentes (2009) de salvaguardar um direito constitucional e social e também em nosso entendimento a alternativa mais segura para àqueles não exitosos no futebol e que não são poucos; os quais teriam o recurso da educação para dar continuidade às suas vidas.

Encontramos nestes clubes *jovens desinibidos, mas que ressentem de uma base intelectual*. Não restaram em nós dúvidas do potencial, da inteligência e da criatividade meninos encontrados nos dois clubes de futebol de Recife e possivelmente em outros pelo Brasil afora. Mas se por um lado havia esse potencial, por outro é nítido



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

a pobreza intelectual destes acabando por torná-los presas fáceis e vítimas de um sistema social produtor e reproduzidor de suas próprias mazelas sociais. Faltam a estes garotos destituídos das benesses da vida um instrumento sem precedentes, o qual Bourdieu (1989) dirá ser na vida o elemento que os distingue e os define.

Sem a educação, nos diz Freitag (2001), perdemos a nossa essência humana, encontramos-nos mutilados e daí inferimos a impossibilidade de inclusão a determinados grupos sociais, faltando-nos para isso os elementos essenciais para participar da vida no amplo sentido.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand do Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. (Dossiê futebol).

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FREITAG, Bárbara. **O indivíduo em formação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez. 2001.

GIL, 2006

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo v. 23, nº. 2, abr./jun. 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MORAES, O. Futebol: uma profissão sem futuro, ou um futuro sem profissão? **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**. Brasília 1981; 48: 22-24.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, nº11, jan/jun 2004, p. 260-299.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

SACRISTÁN, José Gimeno. A educação que temos; a educação que queremos. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 43 – 44.

SIFUENTES, Mônica. **Direito fundamental à educação: a aplicabilidade dos dispositivos constitucionais**. 2. ed. Porto Alegre: Núria Fabris, 2009.

SOUZA, Júlio César C. **A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de base**. 2001; 176f. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FONTES DIVERSAS

BRASIL. **Lei n.º 10.672**, de 15 de maio de 2003 (Lei Gilmar Machado). Altera dispositivos da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

_____. Presidência da República. **Constituição Federal 1988**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>>. Acesso em: 25 jul 2008.